

Perspectivar o futuro da RELACRE e dos laboratórios acreditados

Entrevista a Presidente do Conselho de Administração da RELACRE, Álvaro Silva Ribeiro, no âmbito da comemoração dos 30 anos desta Associação de Laboratórios Acreditados de Portugal, os quais foram assinalados durante um ano com um conjunto de iniciativas desde Maio de 2021 até Maio de 2022, publicada no site da RELACRE e agora aqui reproduzida. A entrevista foi realizada em Dezembro último pela jornalista Graziela Afonso e a APQ associa-se, assim, às comemorações dos 30 anos da RELACRE.



Mais do que falar do passado, vamos, a partir dele e do presente, falar sobretudo do futuro. Olhar e perspectivar o futuro. Conhecer o pensamento e a visão que Álvaro Ribeiro, ligado há mais de 15 anos à actividade dos laboratórios e Presidente da RELACRE desde 2012, tem sobre os laboratórios e sobre o papel da RELACRE enquanto entidade representativa do sector.

Graziela Afonso – As instituições movem-se e progridem de acordo com o contexto em que se enquadram. Como descreve o contexto actual em que se enquadram a RELACRE e os laboratórios acreditados portugueses?

Álvaro Ribeiro – O contexto actual é de elevada incerteza, onde os cenários mudam a uma velocidade extraordinária. Existem diversos factores que determinam essa realidade: a transição digital, as alterações climáticas, as tecnologias emergentes, a internet das coisas, as aplicações de inteligência artificial e muitos outros conceitos também inerentes às chamadas cidades inteligentes. Este mundo em mudança requer que os laboratórios, tal como as empresas e os organismos em geral, possuam uma elevada capacidade de adaptação e também

competências robustas e simultaneamente flexíveis para adaptar as *soft skills* muitas vezes essenciais para fazer a diferença.

GA – Tem este exercício habitual de olhar e perspectivar o futuro, pelo que lhe pergunto como pensa que vai evoluir a envolvente, quer nacional, quer europeia e internacional, da actividade da RELACRE e dos seus associados?

AR – Neste mundo global em que há uma crescente exigência dos cidadãos e dos consumidores, o papel dos laboratórios tende a ser mais relevante, diria mesmo essencial para garantir a confiança e a segurança. Este mundo que está em mudança requer que os laboratórios e as empresas tenham uma capacidade de adaptação e competências que permitam enfrentar, ca-

da vez mais e de forma permanente, estes desafios. E estes desafios não se resumem apenas à tecnologia, em grande medida também se aplicam aos contextos profissionais e sociais, onde se antecipam verdadeiras revoluções nos modelos de emprego. Creio que tudo isto terá um forte impacto e, nesse aspecto, não se diferencia o contexto nacional do europeu ou do internacional. O impacto será global.

GA – Nessa conjuntura, que posicionamento e áreas de actuação podemos desde já antecipar para os laboratórios associados da RELACRE num futuro próximo, nomeadamente quando o sector TIC (teste, inspecção e certificação) ganha mais relevo como um todo?

AR – Julgo que actualmente o sector de ensaios, inspecção e certificação tem já uma forte visibilidade, que resulta da diversidade de áreas de actuação na sua maioria vitais para a sociedade. Que áreas são essas? Podemos referir, por exemplo, a gestão dos recursos hídricos, a energia, o ambiente, a indústria da construção, a mobilidade urbana e tantas outras áreas que têm um inegável impacto económico e social. E, se virmos bem, todas elas dependem do sector TIC. Neste contexto, acho que associações co-

mo a RELACRE assumem um papel importante pela simples razão que elas criam uma estrutura, de alguma forma, de sustentabilidade desta perspectiva, porque são essenciais na criação de redes de sinergias e redes de conhecimento. Essa partilha cada vez mais necessita das associações como suporte para o desenvolvimento colectivo. Diria que a ideia original, individualista, está a ser ultrapassada pela necessidade da cooperação, ainda que sem perder de vista o sentido de competitividade, que continua a ser relevante, mas com um substracto que tem de ser partilhado. Se assim não for, por exemplo ao nível internacional torna-se muito mais difícil manter o passo.

GA – No seu entender, esta crescente evolução tecnológica e a sua disponibilidade cada vez mais rápida e abrangente pode ser um factor facilitador do trabalho em rede e de cooperação para o desenvolvimento? Não poderá ter esse efeito contrário de individualismo de que falou entre laboratórios ou países?

AR – Julgo que é difícil prever como essa conjuntura vai evoluir. Mas creio que essa dinâmica já nos dias de hoje diferencia o que é o desempenho e a capacidade do tecido que constitui os laboratórios. Creio que o caminho tem uma perspectiva de evolução futura que dificilmente se irá desviar de uma visão colaborativa. Não creio que vá ser possível manter o sucesso com perspectivas individualistas daquilo que são as actividades.

GA – Isso pode exigir dos laboratórios, e projectando um pouco num futuro mais longínquo, que venham a ter um novo perfil face à sociedade?

AR – Penso que é cada vez mais difícil antecipar os desafios do futuro tendo em consideração a dinâmica de desenvolvimento que temos hoje. No entanto, existem visões futuristas que apontam alguns caminhos. Há laboratórios que já desenvolveram técnicas e métodos que são extremamente inovadores, que passam, por exemplo, pela virtualização dos processos, modelos de realidade aumentada e até por termos um laboratório num telemóvel. Já existem realidades hoje

que anteriormente seriam quase inimagináveis. Tal como noutros contextos, a realidade vai ultrapassar a ficção e vamos ter, mais rapidamente do que anteriormente pensávamos, respostas para novas exigências e novas expectativas da sociedade em geral.

GA – Esse laboratório do futuro colocará certamente exigências novas à própria RELACRE. A ser assim, qual vai ser o papel da RELACRE nesse novo contexto e como poderá melhor preparar-se para o desenvolver?

AR – Sem querer fugir à pergunta, diria que a RELACRE será o que os associados forem e quiserem que a RELACRE seja, o que significa que a RELACRE, face a um novo contexto, terá que ter a flexibilidade e a competência para se adaptar. E terá de se adaptar enquanto rede, uma vez que depende das sinergias que são inerentes à comunidade dos laboratórios, e será uma rede que terá de ser adaptável a cada momento. Esta característica de adaptação é essencial para se fortalecer e também para desenvolver as expectativas dos laboratórios.

Julgo, ainda, que no futuro será cada vez mais importante o potencial de representatividade que a RELACRE tem, não só no contexto nacional, em particular no diálogo com as partes interessadas, mas também no contexto internacional, que cada vez é mais determinante para aquilo que os laboratórios vão delinear como sua estratégia. Não querendo dizer que a RELACRE tem um papel fundamental nessa estratégia, ela tem um papel que pode ser muito significativo para potenciar aquilo que é o valor acrescentado dos laboratórios portugueses.

GA – A RELACRE tem vindo a aprofundar essa relação e cooperação internacional, facto que a tem conduzido, nomeadamente, a lugares de chefia de organizações europeias ou internacionais do sector. Podemos dizer que a RELACRE é hoje uma das entidades mais influentes entre os seus pares?

AR – Não tenho dúvida sobre a importância e o reconhecimento da RELACRE no contexto internacional, desde logo porque a

RELACRE surgiu precisamente do modelo do Mercado Único e da Europa unida, que é algo que consubstancia a ideia original da RELACRE. No entanto, é inegável que este papel que a RELACRE foi assumindo nos dá claramente benefícios, mas dá-nos também responsabilidades.

Procurando fazer uma análise o mais objectiva possível, diria que para um país de média dimensão, como Portugal, o estar próximo dos centros de decisão é fundamental. Por um lado, para influenciar positivamente as políticas e a sua interpretação num contexto alargado e, por outro, para promover em tempo útil o acesso à informação relevante que permita aos laboratórios definir uma boa estratégia e aumentar a sua competitividade. Se estivermos longe e recolhermos tarde a informação das decisões que mobilizam e movimentam o mercado que é importante para os laboratórios, obviamente que estaremos a perder valor e capacidade de competir. Até porque os laboratórios portugueses estão também interessados em ter um papel relevante no contexto internacional e isso tem-se manifestado pela crescente internacionalização de muitos deles e até com algum destaque.

**PUDAERUP TATATEM
HARCIS ERAERRO DIT,
SUM AUTESTRUM REHENDA
MUSAPIC TE VELITAT
DOLUPTI ANDAERNAM
CONET QUIAS ETUS**

GA – Em algumas áreas de actuação em particular?

AR – Sim, nomeadamente em áreas com impacto como a energia, alimentar, gestão dos recursos hídricos... Os laboratórios portugueses já têm hoje em dia uma dimensão internacional em muitas áreas, embora se pudesse pensar que isso não seria expectável dado os factores que limitam a economia portuguesa. Mas Portugal também já é conhecido pela sua criatividade e capacidade

para gerar ideias novas e pelo seu espírito empreendedor que leva a superar muitas vezes as dificuldades, nomeadamente transformando-as em oportunidades.

GA – Os laboratórios poderão ser parceiros e até mesmo impulsionadores da recuperação económica dos países, nomeadamente com respostas face, neste caso, à situação que temos vivido de pandemia da Covid-19?

AR – No contexto da pandemia, os laboratórios demonstraram a sua capacidade para dar resposta a desafios novos, contribuindo para um designio colectivo e bastante elevado de sobrevivência da humanidade. Lembraria aqui o seu envolvimento na validação, no ensaio, na qualificação e certificação de equipamentos médicos, máscaras, desinfetantes e outros produtos com aplicação neste novo contexto, mas também em serviços e processos novos. Tem de facto havido um forte contributo dos laboratórios na luta contra esta pandemia.

Tudo isso demonstra que, independentemente das circunstâncias, os ensaios, a inspecção e a certificação são um elemento-chave para o mercado global nas suas diferentes vertentes, seja num momento de crise, seja de expansão económica. Tem de se contar, independentemente das circunstâncias, com as competências e com a capacidade do sector TIC para dar resposta às necessidades e exigências que surgem, porque cada vez mais o cidadão comum espera que alguém garanta a confiança e a segurança em produtos e serviços.

Neste contexto da pandemia e pela sua importância, destacaria os laboratórios acreditados pelo seu papel determinante em apoiar o desenvolvimento e as capacidades da indústria e dos outros sectores da actividade económica. Não só em face da situação de crise pandémica os laboratórios deram a sua resposta, como a recuperação económica necessitará também da participação dos laboratórios como parte activa.

GA – O facto de serem laboratórios acreditados faz aqui alguma diferença?

AR – Claro que sim. Para além de à RELA-

CRE lhe caber naturalmente diferenciar os laboratórios acreditados, estes representam, no fundo, a percepção que se transmite da importância da qualidade naquilo que é a vida quotidiana. Na minha perspectiva, neste caso pessoal, a acreditação é um elemento que define e determina uma marca que tem de ser confiável. Quando sabemos que um ensaio cumpre os requisitos da acreditação, sabemos que cumpre os requisitos de uma determinada norma que é comparável com equipamentos ou com produtos produzidos noutros contextos, sujeitos a uma observância de princípios estritos da sua produção, pelo que a acreditação em si própria é para mim um valor que demonstra a qualidade. No essencial, diria que a acreditação é a expressão de um princípio que valoriza a qualidade.

GA – Crê que os portugueses conhecem essa mais-valia da acreditação? A comunicação nesta área, nomeadamente por parte das entidades a ela ligada, tem sido suficiente para que os portugueses diferenciem e valorizem entre quem é e não é acreditado?

AR – Encaro a resposta em duas vertentes. A primeira, diria que há um crescimento na valorização desses princípios e que grande parte das entidades que estão de alguma forma ligadas à acreditação têm procurado promover cada vez mais essa perspectiva e dar-lhe visibilidade. Se me pergunta se estamos numa situação em que essa perspectiva chega aos consumidores de forma inequívoca, acho que não. Há um grande caminho ainda a percorrer. Há aspectos culturais e outros que é preciso vencer e é preciso um maior empenho de todos, mas a necessidade deste empenho não é restrita ao caso português, é internacional. Com a sua promoção continuada ao longo do tempo, a cultura acaba por assimilar a mensagem e as pessoas vão ficando a ela mais sensíveis. Veja-se o caso da Marcação CE, da origem dos produtos ou da reciclagem, que não tinham há umas décadas atrás a atenção que têm hoje. A evolução tem ido no sentido positivo, mas há ainda muito trabalho a fazer.



GA – Assumi a Administração da RELACRE em 2012. Nestes cerca de 10 anos como Presidente, o que releva de mais positivo e o que gostaria de ter feito acontecer e que não aconteceu ainda?

AR – Correndo o risco de, enquanto Presidente, fazer uma apreciação em causa própria, o que considero de mais positivo da actuação do Conselho de Administração que tomou posse há 10 anos tem sido a orientação da acção da RELACRE para o contexto associativo. Este é para mim um dos aspectos mais importantes que a RELACRE deve e tem que ter. Considero, também, que se conseguiu ter uma forte representação internacional, que permitiu facilitar a apreensão daquilo que é a competitividade dos laboratórios. Espero que tenhamos igualmente contribuído para a modernização do modelo de acção da RELACRE, designadamente integrando novas áreas de actuação.

Sobre o que falta fazer, na perspectiva do Conselho de Administração, é estabelecer um modelo de estrutura da RELACRE que tenha a flexibilidade necessária para responder aos crescentes desafios da dinâmica que caracteriza o mundo actual, e que eu penso que a RELACRE está a construir. Quando concluirmos este processo, acredito que a RELACRE estará verdadeiramente preparada para enfrentar o futuro com sucesso. Esperamos terminar neste ciclo esse projecto, conseguindo transformar também o modelo estrutural e orgânico da RELACRE, que lhe permita ter a flexibilidade e a capacidade de adaptação que acreditamos que o futuro vai exigir. Diria que é o último e grande desafio deste ciclo de governação. 📌

Entrevista de Graziela Afonso

(Texto português segundo a ortografia tradicional)